

O QUE PENSA O ADOLESCENTE SOBRE O SEXO NA TELEVISÃO*

Anna Maria Hecker Luz
Professora da Escola de Enfermagem – UFRGS
Doutoranda em Educação – PUCRS

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa de opinião realizada com os adolescentes de uma escola particular e de escolas oficiais de Porto Alegre, sobre o tema "sexo na TV". São discutidas as questões apresentadas por 16 adolescentes, focalizando, principalmente, suas opiniões, preocupações e sugestões sobre o assunto.

INTRODUÇÃO

Ligar a televisão, pelo menos no Brasil, significa a iminência de ter o lar invadido por cenas às vezes inacreditáveis, quer pelo mau gosto, quer pelo seu caráter indutor de alienação, quer pelo apelo ao consumismo desenfreado, quer por tratar com desfaçatez o telespectador, pondo-o como um idiota desprovido da capacidade de pensar. Programas infantis, absolutamente deseducativos, ao contrário do que dizem se propor; programas de auditório que tratam as pessoas como não gente; desenhos animados centrados na violência; novelas que mostram uma não realidade, uma não vida; filmes que apresentam verdadeiro circo de horrores, mostrando o ex-campeão de basquete tomado pela leucemia, a viúva com a filha adolescente grávida, o negro drogado e homossexual, o alcólatra gago na cadeira-de-rodas, o deputado corrupto, o policial venal e racista, a mulher loira sedutora, adúltera transando (como é moderno que se diga) com o norueguês dono da transnacional que fabrica cataventos, poltronas reclináveis para ônibus e aparelhos de anestesia, seção de fluxo contínuo e muito mais... Claro, entre tudo isso, há os comerciais, sempre sensacionais, recheados com forte apelo erótico.

* Trabalho elaborado como conclusão da disciplina de Televisão e Sociedade do Curso de Doutorado em Educação da PUCRS, ministrada pela Dra. Luiza Carravetta.

Educação	Porto Alegre	ano XVII	nº 27	1994	p. 139-152
----------	--------------	----------	-------	------	------------

O componente sexual na televisão, hoje, está consignado como essencial, tanto na programação como nos comerciais. Isto parece incontestável.

No que diz respeito a sexo, a noção do "proibido" e do "permitido", desde tempos imemoriais, está vinculada às práticas sexuais que obedecem a regras, a exigências naturais e a cerimônias humanas. Elas são interiorizadas pela consciência individual, através de inúmeros componentes sociais, como por exemplo, a educação, e refutadas ou reprimidas quando transgredidas, porque neste caso, conforme Chauí (1984), trazem sentimentos negativos que se deseja ocultar. Desta forma, algo suposto meramente como biológico e ligado à natureza humana pode sofrer modificações quanto ao sentido social e cultural ao longo da história.

Estudos realizados por antropólogos permitem verificar que as formas de exercício da sexualidade, assim como as formas de repressão sexual, não são universais e iguais em todas as sociedades. Pesquisas feitas por Margaret Mead (apud Chauí, 1984 p. 24) por exemplo, mostram a realidade de três diferentes sociedades. Em uma delas, mulheres e homens são educados para serem carinhosos, pacíficos, compreensivos, verbalizadores dos sentimentos, isto é, forma-se neles um temperamento do tipo que aqui se julga como próprio do sexo feminino; noutra, ambos são educados para serem agressivos, violentos, pouco falantes, ou seja, um temperamento como tipo próprio do sexo masculino; na terceira, as mulheres são educadas para o poder e o mando enquanto os homens o são para a subservência, para a lavoura, o artesanato e o cuidado das crianças, padrões opostos ao que entre nós se imagina serem naturais e universais.

Esses estudos indicam que valores e normas comportamentais, vinculados ao sexo, podem ser estimulados, e a própria sociedade, em face de tais normas e valores, passa a dizer o que é ou não é "natural" no exercício da sexualidade humana. Poder-se-ia indagar por que as proibições e permissões aparecem sob diferentes formas em sociedades diferentes? Certamente, a resposta estará vinculada a aspectos da história religiosa, à moral à política, às artes e à ciência de cada uma delas.

Com o advento da televisão na década de 1950, alcança-se o processo de universalização da cultura, tão almejada, que teve seu início nos séculos anteriores com a imprensa, como salienta Soifer (1991). A televisão torna-se uma variável ativa na relação entre a cultura e a sociedade, e conforme Morin et al., (1972, p. 70-71), "modificando sem parar essa relação, sendo concebida como um agente cultural ativo, abalando as estruturas culturais existentes".

Na perspectiva do Brasil, a dita "tropicália", como algo cultural, de certa forma leva à "banalização" e vulgarização da sexualidade. Nas nossas praias, o moderno é expor o corpo quase em sua totalidade, transparecendo ausência de pudor somada a excessivo ingrediente de malícia. Mostrar-se tudo, ao mesmo tempo em que se faz de conta que se usa traje de banho (fio dental).

A cada ano, mais um passo é dado na tentativa de ultrapassar o limite dos valores morais da nossa sociedade, quer seja pelas roupas produzidas e oferecidas no comércio, que na programação apresentada na TV em que o sexual privado torna-se público.

Os meios de comunicação refletem a ordem social. Conflitos, problemas e atitudes são geralmente mostrados em relação a normas e valores dessa sociedade, e isso ocorre, segundo Marcondes (1988, p. 94), "porque existe um tipo de controle: a censura externa – de governos, proprietários, e superiores hierárquicos, e a interna – autocensura". Esta autocensura é pela interiorização de normas, valores, e padrões culturais de cada indivíduo. A censura externa apresenta-se de vários modos: moral, religiosa, ideológica, disciplinar, burocrática, econômica e estética.

Na esfera pública, a censura moral se revela pela proibição do uso de palavras obscenas e terminologia chula, na proibição de cenas de nudismo ou de sexo como sendo um "atentado à moral e aos bons costumes." (Marcondes, 1988 p. 97)

A Carta Constitucional brasileira, promulgada em 1988, reza no Art. 220: "é vedada toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística". Assim, a mídia eletrônica está isenta de submeter suas programações à censura federal. Entretanto, neste mesmo artigo, está escrito que compete à lei federal,

"estabelecer os meios que garantam à pessoa e à família a possibilidade de se defenderem dos programas ou programações de rádio e televisão que contrariem o dispositivo do Artigo 221, bem como da propaganda de produtos, práticas e serviços que possam ser nocivos à saúde e ao meio ambiente."

Este Artigo 221 prevê para os programas de TV "as finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas respeitando os valores éticos e sociais da pessoa e da família" (p. 144-145).

Como o Congresso Nacional não criou a lei federal para regulamentar o assunto, o Ministro da Justiça baixou a Portaria de número 733, de 19 de outubro de 1990, que atribui ao Ministério da Justiça a função de analisar previamente a síntese dos programas de TV e, a partir dessa análise, fazer a classificação indicativa de horário adequado desses programas de acordo com a faixa etária apropriada.

O tema sexualidade pertence a todos nós, mas o assunto da banalização do sexo na TV requer uma atenção especial por parte das pessoas que lidam com esses indivíduos em desenvolvimento.

Na verdade, na reflexão dos adolescentes, misturam-se os ingredientes de uma sociedade hoje saturada pelo apelo sexual, com sua própria incapacidade de entender o seu corpo, que está em pleno desenvolvimento, e a pedagogia do terror no que diz respeito à Aids, ao homossexualismo e à gravidez na adolescência. Como na luta entre o mar e o rochedo, o adolescente é semelhante ao frágil marisco, entre duas forças potentes não sabe em que agarrar-se ou em como resistir-lhes.

Cabe indagar, como tudo isso, em especial as cenas de cunho sexual, como são percebidas e, depois, influenciam o comportamento dos jovens adolescentes de diferentes idades que, muitas vezes, permanecem horas diárias diante do aparelho de televisão. Esta é a questão central deste trabalho, que versará sobre "O sexo na TV na ótica dos adolescentes".

No desenvolvimento do estudo, a partir da opinião expressa pelos adolescentes sobre as cenas de sexo na TV, são tratados alguns elementos emergentes das suas falas, apresentadas em quatro tópicos principais, a saber: censura proposta; efeitos das cenas de sexo; aprendendo sobre sexo na TV; educação sexual.

ENTREVISTANDO OS ADOLESCENTES

As informações foram obtidas por uma investigação realizada através de pesquisa de opinião (Polit e Hungler, 1987 p. 168) com uma população de adolescentes, de ambos os sexos, estudantes em escolas de Porto Alegre.

A amostragem foi do tipo "acidental", no horário de saída escolar de uma escola particular, localizada na área central, e duas escolas estaduais com localização na periferia da cidade. As entrevistas foram realizadas e gravadas em videocassete com os adolescentes que se dispuseram a responder as perguntas.

O grupo de estudo é constituído por 16 adolescentes, sendo nove do sexo masculino (masc) e sete do feminino (fem). Do grupo, sete (três homens e quatro mulheres) estão, aparentemente, na fase inicial da adolescência, entre 12 e 15 anos, e nove (seis homens e três mulheres) estão na fase final, entre 16 e 19 anos. O dado exato a respeito da idade não foi solicitado diretamente, mas foi obtido pelas imagens do vídeo, de acordo com as características das fases de desenvolvimento físico que estes apresentavam.

No Art. 2º, da Portaria Ministerial, os programas para veiculação em televisão, inclusive "trailers", têm a seguinte classificação:

"a) veiculação em qualquer horário – livre; b) programação não recomendada para menores de 12 anos – inadequado para antes das 20 horas; c) programa não recomendado para menores de 14 anos – inadequado para antes de 21 horas; d) programa não recomendado para menores de 18 anos – inadequado para antes das 23 horas." (Diário Oficial, 22-10-1990, p. 20046)

Na primeira metade de 1991, criou-se uma polêmica acerca da incidência abusiva de cenas de sexo na televisão, especialmente nas novelas de produção brasileira. Tal abuso visava à consecução de bons níveis de audiência por parte das estações envolvidas: constatava-se, assim, o chamamento à audiência através do nu (quase sempre o feminino) e de cenas eróticas. O cunho era meramente comercial; isto foi sentido por parte da sociedade e a questão veio à discussão. Entretanto, mesmo existindo uma espécie de escala que permite recomendar a programação de TV para tal e qual horário, cabe sublinhar que a censura é realizada, também, através de critério subjetivo da pessoa que executa esta censura. Assim, a televisão pode apresentar programas com danças eróticas ou publicidade com nítido apelo sexual, mencionando-se, como exemplos atuais, o programa "Coktail", abertura da novela "Pedra sobre pedra" e o comercial "Toalhas Artex" e, em outros momentos, não mostrar corpos nus e suas partes eróticas para não ser deseducativa. Por outro lado, mostra muito mais a nudez feminina, reproduzindo os valores sociais de dominação e controle do sexo masculino sobre o feminino.

Não obstante a Portaria Ministerial, continuam a ser mostradas essas cenas de sexo e de violência na programação diária da televisão. Soifer (1991) enfatiza que, no âmbito familiar, a presença constante do aparelho de televisão funcionando, faz com que as crianças se tornem convidados passivos desta atividade que possui uma programação farta de temas de violência em que não faltam delinquência, sexo e pornografia. Mas este não é um privilégio só dos filmes do horário dos jovens; as telenovelas, via de regra, também apresentam um mundo irreal, no qual as fantasias eróticas são estimuladas a cada capítulo.

Para Lagôa (1991, p. 14), "no senso comum, a TV costuma ser apontada como a grande vilã que incita a sexualidade dos jovens". Considera essa acusação simplista. A ignorância, que está na base de tudo, é a falta do entendimento da informação. O adolescente ouve falar de sexo e vê sexo na TV, mas não entende muito o que vê.

Quanto à escola de origem, cinco adolescentes estudam em escola estadual, cinco em escola municipal e os demais, estudam em escola particular.

Apesar das limitações da pesquisa de opinião – frente a frente – como a possível superficialidade das respostas em detrimento do aprofundamento, decidiu-se por sua utilização para dispor da espontaneidade dos adolescentes quando de suas respostas, uma vez que seriam gravadas ao vivo em videocassete. A entrevista foi semi-estruturada, seguindo o roteiro da pergunta básica:

– O que tu achas do sexo na TV?

A partir da resposta a esta indagação, seguiram-se as demais perguntas que variavam conforme o conteúdo desta primeira resposta.

Análise dos dados foi realizada pela análise simples do conteúdo do discurso, conforme proposta de Holsti (apud Polit e Hungler, 1987 p. 318-319), em três fases.

A primeira fase foi a definição da unidade de análise que se utilizou para classificar as expressões verbais, tendo se optado pelas frases que incluíam idéias ou afirmações sobre o tema (sexo na TV).

A segunda fase foi através de repetidas leituras do material da transcrição do vídeo. Criou-se um sistema de categorias emergentes dos discursos dos respondentes, que permitisse classificar as mensagens enquanto dimensão importante do conteúdo.

A terceira fase – a quantificação do material de comunicação foi relacionada com o sistema de categorias, a partir da enumeração dos acontecimentos registrados em cada categoria.

ELEMENTOS EMERGENTES DAS ENTREVISTAS

Os resultados apresentados, como se deseja notar, são produto da pesquisa de opinião realizada com adolescentes escolarizados, e não teve por objetivo estabelecer generalizações. A proposta é a de exprimir e comentar a opinião destes adolescentes sobre a presença de cenas de cunho erótico na mídia eletrônica, ou seja, o "sexo na TV".

Apesar das semelhanças das respostas dos jovens das três escolas, encontram-se distinções, principalmente na característica da expressão verbal. Nos estudantes oriundos de escola estadual, constatou-se que era mais acentuada a expressão corporal como recurso auxiliar da expressão oral.

Opinião dos adolescentes sobre o sexo na TV

A fim de verificar "o que pensam os adolescentes sobre o sexo na TV", a primeira opinião que na pesquisa se tentou obter foi em relação às cenas de sexo exibidas na televisão. Pode-se constatar que apesar de alguns deles terem uma opinião positiva a esse respeito, a maioria expôs suas críticas à forma como o sexo vem sendo explorado na TV.

Houve, ainda, casos de entrevistados que manifestaram a opinião que deveria haver maior liberdade, com maior veiculação do "sexo" através das diferentes estações.

"O sexo na TV tá tri. Deveria mostrar mais, bem mais. Tem que aparecer mais" (fem).

"As pessoas tão falando que a televisão é muita taradice mas, não sei não. A TV ensina muita coisa de sexo pra o jovem" (masc).

Alguns adolescentes acreditam que aumentou a programação da TV, mostrando cenas de sexo, e atingindo a um ponto de exagero, às vezes chegando à imoralidade. Entretanto, apesar disso, disseram que é válido mostrar cenas de sexo na programação da televisão para que as pessoas fiquem sabendo do que se trata; salientam que isso deveria ser feito de maneira correta, transformando-se numa divulgação que instrua e não prejudique. Para que isso ocorra, sugerem que devem ser diminuídos os exageros na utilização de cenas de sexo na TV que são, muitas vezes, mais valorizadas que o próprio enredo e constituem mais produto de lucro do que para mostrar uma coisa bonita como acham que o sexo realmente é.

"O sexo na TV é válido. Instrui e ao mesmo tempo, porém, pode estragar um pouco. Na televisão ele é mostrado assim com muita força" (masc).

Tem muito sexo na TV. Tem que diminuir mesmo, é muitas coisa, é assim, muito, muito putedo sabe. Muita baixaria, demais, porque não deveria ter acontecido isso daí" (masc).

"Acho que tem que ser divulgado mesmo, porque, para as pessoas ficarem mais cultas, sabendo do que se trata tudo, de uma maneira correta a divulgação, apenas isto. Não convém exagerar" (masc).

Ao serem questionados quanto aos tipos de programas nos quais cenas de sexo são mais mostradas, a resposta obtida, em grande maioria, apontava para as novelas. São elas as responsáveis pela maior crítica por parte dos adolescentes, pois consideram as cenas de sexo apresentadas em seus capítulos muito pesadas e liberadas, principalmente para o telespectador infantil que as assiste. Eles justificam suas respostas pelas conseqüentes deturpações de entendimento, e conduta futura que possam gerar nas crianças e adolescentes em fase inicial.

Apesar de a novela ser "a grande vilã" da televisão, os filmes nacionais, as minisséries, programas humorísticos, como Dóris, programa Cocktail, e algumas propagandas foram apontados, embora com menor ênfase.

Censura proposta pelos adolescentes

Os adolescentes acreditam que deveria haver uma determinação de horários para mostrar cenas de sexo, pois reconhecem que há um certo exagero, principalmente, nas novelas. Embora reconheçam que o sexo, apesar de liberal, às vezes é mostrado de maneira certa, pensam que há exagero e que este é mais das pessoas que vêem este tipo de programação, entre elas as crianças e os adolescentes jovens, que podem deturpar o que está sendo mostrado. Desta forma, o sexo na TV torna-se prejudicial na medida em que pode ser um mau exemplo, não respeitando o ritmo próprio da idade do jovem telespectador, uma vez que ainda não estão preparados para ver estas cenas nessa etapa de suas vidas.

E no entender dos adolescentes entrevistados, o sexo na TV deve ser mostrado, de forma progressiva, de acordo com a faixa etária do telespectador e sem exageros. Para isso, sugerem a censura de horário de programação como sendo a forma viável e não proibitiva. Justificam este posicionamento pelo fato de o público infantil normalmente dormir depois do horário nobre, podendo, então, serem apresentadas cenas de sexo para espectadores mais velhos.

Salientam, também, a censura que pode ser realizada no ambiente familiar pelos pais. Citam como exemplo mães que não permitem que os filhos assistam às novelas. Contudo, é interessante apontar que muitos desses jovens reconhecem que a proibição não resolve, pois eles encontram uma forma de assistir porque a curiosidade os leva a isto.

Sugerem, ainda, que no lugar de censura ou de proibição em qualquer âmbito, a TV exerça sua função educativa, por exemplo, com novelas como veículos de elementos culturais.

"Eu acho que o próprio pai da criança, o próprio ensino deve mostrar o que é certo e errado. Acho que não tem um programa que aborde o sexo de maneira melhor. Todos mostram, todo o mundo faz o sexo na moeda. É cara ou coroa vira e mexe tá lá" (fem).

"Acho que tem sexo demais na televisão. A televisão não deveria ensinar nada errado pra quem está assistindo, tem que ensinar as coisas porque tem criança assistindo de noite, então fica meio... chato" (fem).

Pelas falas percebe-se que eles julgam que o sexo na televisão não deveria ser proibido, mas ser limitado; justificam sua opinião por reconhecerem na televisão um meio de comunicação de massa, assistido por todos.

Para Távola (1984, p. 31), a televisão, como meio de comunicação em massa, é sintética, "contém o rádio, o cinema, formas de teatro, jornalismo... e sua principal característica é a instantaneidade". Entretanto, por esta razão, é alto o seu poder de absorção, as imagens estão dentro da casa do telespectador sem que ele faça escolha prévia do que deseja assistir, diferente do cinema ou teatro em que a pessoa tem de se deslocar desde a sua casa para assistir o espetáculo.

Efeitos das cenas de sexo segundo os adolescentes

O problema colocado é que tipo de repercussão pode ter sobre os jovens os sexo na TV da maneira como vem sendo mostrado. Nas respostas dadas pelos adolescentes, parece haver uma repercussão diferenciada, de acordo com a etapa de desenvolvimento da adolescência, sexo e nível socioeconômico do respondente (representada pela escola de origem). A repercussão do sexo na TV, segundo os adolescentes, pode ser tanto positiva, no caso dos mais velhos, em final da adolescência, como negativa em relação às crianças ou na fase inicial da adolescência.

O sentido positivo dado ao sexo na TV foi indicado pelos adolescentes mais velhos e está relacionado ao erotismo que pode provocar e pela oportunidade que os jovens têm, hoje em dia, de aprender sobre o sexo como uma coisa normal e bonita e que pode ser mostrado abertamente. Contrariamente, da forma fechada como era tratado antigamente, criava-se um tabu em torno do assunto.

O sentido negativo dado ao sexo na TV é considerado, principalmente, pela função de estimulação que produz entre os jovens do sexo masculino. Este fato é percebido como negativo, na medida em que estimula precocemente o jovem que ainda não está preparado para a atividade sexual.

"Acho que o sexo tá um exagero, né. Que nem pra vocês que são assim grande, até pode mas essas criancinhas de 5, 5 a 10 anos né, já começam a fazer desde cedo, né. Começam a pensar, a fazer essas coisas. Até quem não tem... nem prá come, tem só a TV, vai fazer isso daí. Vai estupra uma guria, que tem de monte nesses lugar aí. Antes era proibido assim para menores de tal idade. Agora não tem mais então tudo que é criança fica vendo" (fem).

"Tem muitas diferentes idades que assistem televisão e então as vezes, pode ser prejudicial porque tudo tem seu tempo. Tem o tempo

da brincadeira e tem o tempo da hora do sexo. As vezes a pessoa perde já o tempo da brincadeira para começar a praticar o sexo" (masc).

Analisando estas falas, percebem-se algumas variáveis. No primeiro caso, a questão da violência sexual exercida principalmente sobre crianças do sexo feminino em comunidades de nível socioeconômico menos favorecido. O segundo aspecto, o efeito a longo prazo que o sexo na TV poderia causar naquelas crianças que têm o ritmo de seu desenvolvimento normal antecipado pela estimulação de cenas de sexo assistidas.

Para Giovannini (1991), a televisão antecipa na vida das crianças as questões que antes só surgiam na adolescência, sobretudo na esfera sexual e no conhecimento das regras de comportamento adulto. Estas questões eram colocadas pela família ou amigos, de forma gradual, de acordo com a idade e capacidade de entendimento de cada indivíduo.

A preocupação quanto aos aspectos de incapacidade de entendimento pelos mais jovens das cenas de sexo, exibidas na programação televisiva, estava presente, na maioria das falas dos adolescentes. Em determinado momento, é colocado como a possível causa responsável pela crescente ocorrência de gravidez na adolescência.

A vulgarização do relacionamento sexual na programação da TV pode levar o jovem ao entendimento de que todos "transam", a qualquer momento, com qualquer um, e que geralmente não existem preocupações com os riscos, tanto de repercussão física como psicossocial deste relacionamento.

"Acho que deveria ter uma nova educação sexual. Este negócio de gravidez na adolescência está grave, sabe. Tá um lance que tá se agravando cada vez mais. De repente até por causa das novelas. Que o jovem fica super influenciado e chega lá não sabe nem como prevenir. Até sabe, mas tem muito medo também, né" (fem).

Os argumentos também devem ser analisados nos filmes para os jovens. O irracional governa as ações, monstros com poderes sobrenaturais, mortes com ressuscitações, condutas anti-sociais e imorais unidas ao erotismo e à pornografia. Estas são cenas comuns de se assistir, em que tudo é possível, o que reforça e estimula o pensamento mágico da criança e do adolescente (Soifer, 1991).

Importante salientar as características do processo de comunicação. Segundo Penteadó (1983), enquanto as expressões faciais e posturais diluem-se no rádio ou no jornal nos quais há valorização da palavra, na TV se dá praticamente o inverso, porque a imagem é privilegiada.

Penteadó diz que o conteúdo transmitido pela TV, através dos personagens, é desvinculado do próprio meio ambiente do expectador.

Para a autora, esse distanciamento existente entre o conteúdo transmitido pela TV e o meio ambiente do telespectador, a pouca idade dos adolescentes e a fase de operação mental em que se encontram "permitem pensar ou numa possível apreensão simbólica da linguagem televisiva ou numa possível generalização distorcida da realidade representada" (1983, p. 20)

Apesar disso, os jovens vêm na televisão um meio capaz de lhes ensinar sobre o sexo, se esta realmente desempenhasse sua função educativa, mas dizem não ser esta a realidade que vigora. Concordam que a TV instrui, ainda que pouco, sobre o sexo.

Aprendendo sexo com a TV

De acordo com os respondentes, as cenas de sexo que são mostradas auxiliam o jovem como proceder em face de suas experiências sexuais. Entretanto, destacam que o aprendizado sobre o sexo se faz é na vida real, na prática, "na rua", devendo este ser praticado somente depois de uma certa idade. Consideram que o sexo, quando mostrado na TV como um produtor de lucro, desempenha finalidade comercial ao invés de educativa. O seu aprendizado vai depender de como ele é mostrado e de como é percebido. Os jovens que têm uma "cabeça boa" dizem que não há problema, mas para os que não entendem ainda ou os que têm um entendimento deturpado da realidade, o sexo na TV pode ser problemático.

"O sexo que aparece na TV o jovem já sabe. Acho que não ensina, não. Mas numa fase de 13-14 anos ensina e influi muito. Incentiva, mas um monte eu acho. Cenas de sexo na TV, depende muito da cena né" (fem).

"Aprender sexo pela TV vai depender de como ela mostra. Assim ó, na novela eles não mostram. Já botam o casal sarrando. A criança pequena não sabe o que eles estão fazendo, não sabem o perigo que estão correndo" (masc).

"A TV ensina muita coisa de sexo pra o jovem. Muita coisa eu aprendi. Olha, aquelas mulhé, tirando a roupa, indo pra cama com o cara. Aquilo lá é... bom. Bah, se é bom" (masc).

O adolescente fantasia aquilo que não pode fazer na realidade. A visão de cenas de sexo reforça as fantasias sexuais e a masturbação, que são uma resposta do adolescente à defasagem do que é oferecido como estímulo sexual e a dificuldade, devido à idade, de concretizar o ato sexual (Porchat, 1991).

As observações mostram a importância dada à oportunidade de visualização e aprendizagem do sexo na TV, mesmo que fracionado

A

e à preocupação com a forma de como é transmitido ao público que assiste aos programas.

Giovannini, em seu estudo que analisou a convivência de trezentas crianças e adolescentes na faixa etária de dez a quatorze anos com a TV, concluiu que a "TV pode funcionar como uma janela para o conhecimento do mundo" (1991, p. 133). Entretanto, para que esta janela seja uma oportunidade positiva e bem usada quanto à educação sexual, tanto a criança como o adolescente devem receber orientação sobre o que assistir e como traduzir e interpretar as mensagens dos programas e propagandas assistidas. Esta orientação deveria ser dada pelos pais e pela escola que atuam mais diretamente com estes jovens.

A preocupação é maior quando os pais e a escola se omitem nas questões relativas ao sexo, e os adolescentes que têm acesso livre à TV, em geral tomam conhecimento apenas da vulgarização sexual (Campos, 1970). A TV muitas vezes contribui para passar uma visão distorcida da questão sexual e funciona, conforme Leal (1986), como legitimadora de novos padrões sociais e morais.

Educação sexual

Muitos entrevistados verbalizaram a idéia de que os pais devem desempenhar papel importante na questão do sexo na TV; pensam que as cenas eróticas veiculadas poderiam ser discutidas entre os pais e seus filhos adolescentes, constituindo isto um momento de aprendizado sobre o sexo. Ademais, pensam que o diálogo sobre a questão sexual com os pais é minguido, escasso, até inexistente, e que poderia acontecer com mais frequência ou sempre que fosse necessário.

"Meus primos, eles já sabem de tudo. São bem piquinininho, 3-4 anos e já sabem de tudo. Eu acho muito cedo. Acho que deveria ser ensinado pela boca dos pais e não pela TV" (fem).

"A educação sexual tem que vir desde pequeno. Da onde a gente vem, onde nasceu, as doenças venéreas... essas coisas assim" (masc).

Com base nos depoimentos, constata-se que, aliados no compromisso educativo, tanto a família como a escola são indispensáveis na educação sexual dos adolescentes. Ficou clara a percepção deste papel pelos jovens como a forma de garantir a aprendizagem de maneira mais completa e não dissociada de todo o processo psicossocial do indivíduo.

"Os pais devem participar ativamente na educação sexual dos filhos. Os pais têm que assistir e orientar o que é melhor para eles ver. Falar de uma maneira o que é certo e o que é errado, pra possível se cuidar" (fem).

"A escola deveria ensinar o jovem para a vida sexual pois é o meio de comunicação onde estão os amigos. A escola deveria ser obrigada a ensinar isso aos educandos. Acho que eles não podem vender os olhos. Nós temos que saber os perigos da vida. É preciso que a escola nos mostre isso principalmente em relação ao sexo (fem).

O pedido explícito de maiores informações sobre sexo foi uma constante nas entrevistas. Através dos depoimentos também se percebe não só a função orientadora dos pais, mas na mensagem dos adolescentes, a necessidade dos pais de assistirem a TV para poderem orientar e comentar com os filhos a respeito das programações, estando aptos, assim, a orientá-los no que é adequado, explicando o que é real e o irreal no que é mostrado. Críticas foram feitas à escola que, via de regra, se omite nesta questão, crítica que procede, pois a escola é um importante meio de socialização do adolescente, lugar de convivência com seus iguais e um lugar importante a ser aproveitado para orientação sexual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do que foi expresso pelos adolescentes entrevistados, de suas opiniões sobre cenas de sexo na TV, permite assinalar algumas constatações significativas a saber:

- acreditam que assistir cenas de sexo na TV pode constituir momento de aprendizado sobre o sexo;
- pensam que há um apelo sexual intenso na TV com vistas ao consumo e ao lucro;
- pensam que as novelas são o grande momento do sexo na TV, isto é, estes são os programas que mais veiculam cenas de sexo;
- preocupam-se com o fato de estas cenas aparecerem no chamado horário nobre, podendo ser assistidas por crianças e adolescentes jovens, o que seria inadequado;
- acreditam que cenas de sexo deveriam aparecer em horários mais tardios;
- pensam que os pais deveriam assistir TV, discutir e esclarecer seus filhos sobre as cenas de conteúdo sexual que presenciassem;
- sugerem que a escola também deveria ter papel esclarecedor sobre as questões sexuais e de erotismo na TV;
- julgam que o erotismo na TV pode servir de estímulo precoce aos mais jovens.

Diante destas constatações, as mais significativas entre as que foram expressas pelo jovens entrevistados, não se pode deixar de notar que o que eles disseram nada mais é do que a repetição do discurso surrado dos adultos quando discutem este mesmo assunto. Quer dizer, as respostas destes adolescentes às perguntas formuladas constituem o discurso cheio de obviedades dos adultos e, claro, das próprias empresas concessionárias dos canais de televisão, as maiores interessadas em fomentar o próprio tema.

Mas, independentemente da opinião dos jovens sobre sexo na TV, e com base apenas na razão, pode-se dizer que a questão será solucionada no momento em que a sociedade, como um todo, passar a ver o problema como problema real e, pondo de lado o consumismo, indicar, ela mesma, a solução.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMPOS, Theresa Catarina de Góes. *A TV nos tornou mais humanos? Princípio de comunicação pela TV*. Recife : Universidade Federal de Pernambuco, 1970.
- CHAUÍ, Marilena. *Repressão Sexual*. 8. ed., São Paulo : Brasiliense, 1984.
- REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. Brasília : *Constituição*. Centro Gráfico do Senado, 1988.
- GIOVANNINI, Graziela. TV faça dela uma aliada. *Claudia*, São Paulo, n. 362, p. 132-134, nov. 1991.
- LAGÔA, Ana. Meninas e grávidas. *Nova Escola*. Osasco, v. VI, n. 52, p. 10-25, out. 1991.
- LEAL, Ondina Fachel. *A leitura social da novela das oito*. Petrópolis : Vozes, 1986.
- MARCONDES, Ciro. *Televisão – a vida pelo vídeo*. São Paulo : Moderna, 1988.
- BRASIL. Ministério da Justiça, Brasília, Diário Oficial, seção I, Portaria Ministerial n. 733, 19-10-1990, p. 20046, 22 out. 1990.
- PENTEADO, Heloisa D. A televisão e os adolescentes: A sedução dos inocentes. São Paulo, USP, *Estudo e Documentos*, v. 22, 1983.
- POLIT, Denize F., HUNGLER, Bernadete P. *Investigación Científica*. 2. ed. México, Interamericana, 1987.
- PORCHAT, Patrícia. Fantasias são compensação. *Folha de São Paulo*, n. 4, p. 6, 3 nov. 1991.
- SOIFER, Raquel. *A criança e a TV*. Porto Alegre : Artes Médicas, 1991.
- TÁVOLA, Arthur da. *A liberdade do ver*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1984.